

Educação para as Relações Étnico-Raciais, Diversidades e Educação

Andreia dos Reis Almeida^{1*} 

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Brasil

*Autor de correspondência: aralmeida29@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:

Culturais
Étnicas
Gênero
Raciais
Sexualidades

KEYWORDS:

Cultural
Ethnic
Gender
Racial
Sexualities

PALABRAS-CLAVE:

Culturales
Étnicos
Género
Raciales
Sexualidades

RESUMO

O livro aqui resenhado apresenta resultados de pesquisas realizadas por docentes que têm se dedicado às questões relacionadas às diversidades/ diferenças (étnicas, raciais, de gênero, sexualidades, culturais, linguísticas) em diferentes perspectivas teórico-metodológicas.

ABSTRACT

The book reviewed here presents research results carried out by professors who have been dedicated to issues related to diversities/differences (ethnic, racial, gender, sexualities, cultural, linguistic) in different theoretical-methodological perspectives.

RESUMEN

El libro aquí reseñado presenta resultados de investigaciones realizadas por profesores que se han dedicado a temas relacionados con las diversidades/diferencias (étnicas, raciales, de género, sexualidades, culturales, lingüísticas) en distintas perspectivas teórico-metodológicas.

SUBMETIDO: 24 de setembro de 2022 | **ACEITO:** 26 de dezembro de 2022 | **PUBLICADO:** 30 de dezembro de 2022
© ODEERE 2022. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

O livro aqui resenhado apresenta resultados de pesquisas realizadas por docentes que têm se dedicado às questões relacionadas às diversidades/ diferenças (étnicas, raciais, de gênero, sexualidades, culturais, linguísticas) em diferentes perspectivas teórico-metodológicas.

Dividido em três partes, o livro tem como eixo a temática das diferenças (racial, étnica, de ritmos/tempos de aprendizagem). A primeira parte, intitulada *Etnicidade e memórias*, é composta por três capítulos. No primeiro capítulo Cristiane Batista aborda a representação do negro na região cacauzeira, no começo do século XX. Por meio de pesquisa histórica em jornais, a autora localiza um acontecimento raro, uma mulher negra, professora, conseguiu romper sua invisibilidade estampando sua fotografia na capa de um jornal. A autora evidencia como os jornais da época retratavam a população negra da pós-abolição. Ela narra também sobre o branqueamento e o incômodo de muitos fazendeiros em serem chamados de pardo ou mulato. Segundo a autora (2020, p. 21): “expurgar da cidade as heranças africanas era uma incansável prática em curso na capital

e repetia pelo Sul, atreladas à ideia de ciência americana, sobretudo a europeia e, portanto, comprováveis, a tal ponto que crime, desordem e cor eram sinônimos”.

No segundo capítulo, Maria Eunice de Jesus nos apresenta um estudo sobre o Reis de Mulungu e a celebração a São Sebastião na comunidade rural negra do Mulungu, localizada no município de Boninal, na Chapada Diamantina – BA. A autora parte do pressuposto de que as manifestações religiosas apresentam e reforçam os sistemas sociais e hierárquicos, em uma articulação e incorporação tanto de elementos da modernidade/contemporaneidade quanto tradicionais. Jesus (2020) afirma que a troca de experiências promove uma reflexão sobre a vida em comunidade diante da importância que tem a coletividade.

Em Mulungu as mulheres estão à frente para a manutenção e continuidade dessas festividades, a tradição de cantar reis na comunidade sofreu algumas mudanças, dentre elas a variação no repertório, modificações na performance das danças e o período de peregrinação. Segundo a autora (2020, p. 43): “as festas, as cantorias e as danças podem ser compreendidas como um saber constituído a partir de um local de preservação de memória, guardado pelas comunidades que, ao longo do tempo, vem moldando suas raízes de acordo com as transformações sociais”.

Já no terceiro capítulo, Luciano Lima e Marcelo Moreira abordam as discussões sobre o sagrado, o sistema de crenças e os rituais de cura no candomblé. Os autores situam a temática tomando como base os estudos sobre a memória. Para Lima e Moreira, a abordagem sobre o sagrado chegou ao território nacional junto com os escravizados africanos. A tônica deste capítulo são as crenças, valores e tradições e os rituais presentes no emprego das folhas entre os adeptos do candomblé. Os autores também destacam o notório esforço das Ciências Sociais ao longo da história para compreender a relação entre os binômios orixá/folha e religião/saúde.

A segunda parte, intitulada *Relações Étnico-Raciais, Diversidades e Educação Escolar*, é composta por três capítulos e enfocam as relações etnicorraciais e diversidades no campo educacional.

Maria de Fátima de Andrade Ferreira discute o racismo incorporado na cultura da sociedade brasileira, reconhecendo a hierarquização política e ideológica, como justificativa par o emprego do preconceito e discriminação

racial do negro. Segundo a autora (2020, p. 69): “A população negra vem sofrendo com indicadores objetivos da violência, originária da confluência das estruturas sociais e econômicas, das permanentes relações da sociedade colonizadora hierarquizada, desigual e excludente e, por meio de práticas racistas”. Ferreira cita pesquisas realizadas que comprovam a discriminação e exclusão escolar que vive grande parte dos alunos negros e conclui apontando que “nos espaços de aprendizagens e ensino da escola deve-se construir conhecimentos que expressem valores, atitudes, comportamentos e posturas éticas, não autoritárias e racistas, necessárias o combate à discriminação racial, buscando discutir de modo pertinente a História da África e cultura afro-brasileira e afro-descendente, desconstruindo os estigmas, estereótipos e preconceitos racistas” (FERREIRA, 2020, p. 90).

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz, no capítulo de sua autoria, evidencia o drama das crianças ao não aprender os conteúdos escolares. As crianças rotuladas como tendo dificuldade de aprendizagem podem estar sendo vitimizadas pelos professores, através de atos que podem ser caracterizados como violência psicológica. Neste capítulo são relatadas algumas ações de violência psicológica no contexto escolar das professoras em relação às crianças, identificadas como: rejeição, humilhação e indiferença.

Edmacy Quirina de Souza; Reginaldo Santos Pereira e Nilson Fernandes Dinis falam da criança negra. Os autores chamam a atenção de que o conceito de infância é construído conforme com o contexto sócio-histórico. Segundo eles, “as transformações perpetradas pela modernidade, juntamente com o desenvolvimento do capitalismo e da sociedade urbano-industrial, conduziram as várias formas de entendimento sobre a família e, de igual modo, sobre a criança e sua infância” (SOUZA; PEREIRA, DINIS, 2020, p. 121). Os autores destacam atitudes racistas e discriminatórias que costumam ser silenciadas ou dissimuladas e que são naturalizadas no espaço escolar.

Relações etnicorraciais, ações afirmativas e educação indígena é o título da terceira parte do livro, composta por quatro capítulos.

No capítulo intitulado *Lei 12.711/2012: avanço ou retrocesso para os estudantes pretos? Eis a questão*, Antônio de Assis Cruz Nunes discute acerca da política de cotas raciais nas universidades federais e nos institutos federais de ensino

superior. Para o autor (2020, p. 151), "o sistema de cotas para estudantes negros no ensino superior legitimado e institucionalizado pela lei 12.711/12 ao mesmo tempo em que abriu possibilidades aos jovens negros poderem frequentar uma universidade pública, termina beneficiando qualquer pessoa que se auto declare como de etnia negra, haja vista que não é mais exigida a autodeclaração realizada por comissões para comprovar a declaração atestada nos requerimentos de inscrição dos vestibulares".

No segundo capítulo desta terceira parte, Benedito Eugenio e Pyerre S. Fernandes apresentam os resultados de uma pesquisa sobre ações afirmativas para estudantes negros no ensino superior. Os autores fazem um breve panorama sobre as relações sociorraciais e ações afirmativas no ensino superior no Brasil.

Através da análise de documentos e dados construídos por meio de entrevistas com representantes do programa de ações afirmativas, os autores discutem o processo de implementação da política de permanência no interior da UESB e apontam as dificuldades enfrentadas para a efetivação da política.

No terceiro capítulo desta terceira parte, o penúltimo capítulo do livro, os autores José Valdir Jesus de Santana e Clarice Cohn refletem acerca dos modos e formas de como os Tupinambá de Olivença têm se apropriado da escola e as tensões que se estabelecem com o Estado. Em relação à escola indígena, especificamente dos Tupinambá, os autores afirmam que "a tensão vivida nos últimos anos está relacionada, em grande parte, ao modelo de escola que os Tupinambá querem para si e a escola que os Estados pensam para eles e para as demais comunidades indígenas" (SANTANA; COHN, 2020, p. 182).

Interculturalidade, saúde, autogestão e segurança alimentar com mulheres indígenas na escola Pataxó, de autoria de Paulo de Tássio Borges da Silva procura evidenciar os diálogos tecidos pelas mulheres Pataxó, professoras e não professoras, na construção de um currículo escolar diferenciado. As experiências foram apoiadas numa pesquisa-ação que contou com o acompanhamento de diversas reuniões e assembleias da comunidade, Silva sinaliza para a importância de se compreender o cotidiano das mulheres indígenas no território brasileiro e a necessidade de um diálogo com as concepções de gênero dos Povos indígenas, condição imprescindível para a proposição de políticas públicas.

O livro é uma escrita rigorosa de resultados de pesquisas acerca das diversidades. *Relações Étnico-raciais, Diversidades e Educação* é uma leitura indicada a pesquisadores e estudantes das licenciaturas e soma-se a outros livros e pesquisas que têm se preocupado com a produção de conhecimento sobre as relações étnico-raciais na sociedade brasileira.